

A PIEDOSA MENTIRA

Roberto e Clara

- Um programa de Roberto Lis -

Controle: (CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

SPEAKER:

No ar... O Grande Teatro Difusora, apresentado...

Controle: - Sobre característica por alguns momentos.

SPEAKER:

A PIEDOSA MENTIRA!...

Controle: - Sobre característica por alguns momentos.

SPEAKER:

A Piedosa Mentira é mais um trabalho da autoria de Roberto Lis, para o Grande Teatro Difusora.

É uma das muitas tragédias originadas pelo monstro me...

É a seguinte a sua distribuição:

Padre Michael	Mario Hornes
Madame Gi...	Lia Nazareth
Nininho.....	Pitágoras
Madame Blanche	Adriana Conceição Pereira
Dr. Michael	Vitor More
Sandra.....	Lilia Maria
Wladimir.....	Rubeus Alcântara
Benedita.....	Nina Rosa
Um popular.....	Rafael Merolilo
Bebeto.....	Mariana de Castro
Um official.....	Rafael Merolilo Coneli Junior
Madam Marguerite.....	Conceição Pereira Lidia Ilgutz
Encarregado do Estúdio.....	Emilio Belo
Sonofonia de.....	Helio Machado

Controle: → (Sobre a característica por alguns instantes, baixando depois, aos poucos até desaparecer).

Controle → (Disco de gritaria de crianças, ao longe, fazendo fundo para toda a cena)

- Benedita - Chi, como ela vem cansada. Só a gente oiã pra cara dela já vê.
- Sandra - Cansada não, Benedita. Estou exausta. Andei o dia todo. Comi alguma coisa de pé, num restaurante popular e não parei mais até o momento de tomar o onibus e regressar.
- Benedita - Coitada!
- Sandra - E a estrada está horrível! Toda esburacada!... É hora inteira de tranbulhões e sacudidelas. Sinto-me desfeita.
- Benedita - Pulque num vai se deitá um mucado pra descansar?
- Sandra - Qual deitar, Benedita, ha muito que fazer ainda. Preciso fazer uma relação dos donativos que consegui angariar para as creanças, tratar do jantar deles, acomodá-los todos para depois então descansar.
- Benedita - Arranjô munta cousa, dona Sandra?
- Sandra - Qual, Benedita, muito pouco! Ha muita falta de viveres na cidade. Mesmo assim consegui dois sacos de feijão, um saco de batatas, outro de farinha de mandioca, chá, umas latas de leite em pó e mais umas miudezas que de momento não me recordo.
- Benedita - Tão pouca coisa pra tanta boca, meu Deus!...

Sandra - É verdade. São vinte e nove crianças e mais nós duas que também precisa-
mos de alimento para que não nos faltem as energias.

Benedita - Agora que essa maldita guerra já se acabou-se, com a graça de Deus, pu-
que mecê num intrega essas criança toda pro guverno tumã conta delas.

Sandra - Não, Benedita, Deus me livre! Nem me fales nisto. Eu não teria coragem
para abandonar esses pobres pequenos. Faz já quâsi cinco anos que vivo
ao lado deles. ~~xx~~ É como se todos
fossem meus filhos. Se tivesse que separar-me de um só o meu sofrimento
seria enorme!... Não. Deixá-los nunca! Prefiro sofrer ao lado deles.

Benedita - Tá bão, o que é de gosto arregala a vida, mais o que é veldade é que é
uma lucura mecê tá se sacrificando a sua vida pra mód. arrumá sustento
pra tanta gente sem tê ubrigação. O guverno podia butá eles espaiado pu
las casa aí e mecê ia tê uma vida mais milhõ.

Sandra - Não haverá nada que se compare ao prazer que eu sinto de poder ter todos
eles junto mim, conduzi-los, dependerem todos de mim. Só isto é compen-
sação suficiente a todos os sacrificios que sou obrigada a fazer para
mantê-los e eles como se portaram na hora do almoço?

Benedita - Todos eles se poltõ dereitinho, só o Bebeto é que num quiria tumã a sopa,
feiz ararido, jogõ a cuiê no chão e intê deu bulduada na preta Binidita.
Na hora do café a mema coisa. Foi pelciso raiá cum ele e ele num tomõ.
Os otro, tudo se poltõ dereitinho.

Sandra - Eu fico muito preocupada com o temperamento do Bebeto. Parece mentira
que tá pequenino ainda - quatro anos só - já procure impor, de qualquer
maneira a sua vontade.

Benedita - É muito mau tombem, dona Sandra. Quano eu quiria folcejá pra mód ele tu-
mã a sopa mecê carcula que ele quiria moldê o meu braço? Puis de véra,
dona Sandra. Só mecê vendo. Vai sê munto marvado esse minino.

Sandra - Coitadinho. Tenho muita pena dele porque demonstra ser, desde agora, um
revolado e na posição triste de filho de ninguém muito poucos tolerarão
o seu temperamento impulsivo e desordenado. Emfim, enquanto puder tê-lo
a meu lado hei de tentar acomodá-lo. Onde é que eles estão?

Benedita - Tá tudo lá no pátio, mecê num tá uvindo as gritaria? Tavum fazendo munta
argazarra na sala toquei eles tudo pra lá.

Sandra - Pois é, Benedita, mas agora já e muito tarde para eles estarem na rua.
Vamos recolhê-los.

Benedita - É um cansacio essas criança tudo junto. Cruz! Só memo a sinhora!...

Sandra - Paciencia, Benedita, paciencia! Não te esqueças q^{Jesus} disse assim:
deixai vir a mim os pequeninos!

Benedita - Puis é. É isso mêmo. Si mecê num qué lalgá eles, eles num pôde i.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Sandra - Eu peço ao senhor Vigario que me desculpe a demora. Eu estava justamen-
te acomodando a criançada quando a empregada me avisou que o senhor de-
sejava falar-me.

Ricardo - Não tem importancia. Não se preocupe por isto. Eu estou aqui para conver-
sar com a sinhora.

Sandra - Estou às suas ordens, senhor Vigario.

Ricardo - A sinhora não me conhece e eu devo dizer-lhe quem sou. Padre Ricardo,
diretor do Orfanotrófio do Deus Menino.

Sandra - Ah, muito prazer. Já o conhecia muito de nome, padre Ricardo.

Ricardo - Fui informado de que a senhora tem em seu poder vários órfãos da guerra e que luta com grandes dificuldades para mantê-los, não é verdade?

Sandra - Sim, padre Ricardo, é verdade. São vinte e quatro crianças que os bombardeios inimigos fizeram com que fossem retirados da cidade e o comandante do destacamento levou-os a abrigarem-se no campo, em casa de um moleiro. A furia dos bombardeiros sacrificou quase toda a população da cidade e muito poucos foram os pais que depois reclamaram os seus filhos. Procurando também refúgio às bombas incendiárias fui ter ao moinho por acaso e, desde então, tomei a mim a tarefa de cuidá-los. Já vai para dois anos que dou-lhes todo o meu carinho e toda a minha energia.

Ricardo - É de muito mérito, sem dúvida, a sua intenção, minha filha, mas a tarefa demasiado pesada para as suas forças.

Sandra - Deus tem me amparado sempre e as forças não me faltaram ainda.

Ricardo - Mas um dia faltarão, inquestionavelmente. E pensando, justamente, que esse dia chegará, fatalmente, foi que me dispuz de vir à sua presença, oferecer-lhe para os seus órfãos no Orfanotrófio que dirijo.

Sandra - Padre Ricardo, agradeço-lhe muitíssimo a sua piedosa intenção mas confesso-lhe que não teria forças para separar-me deles. De um só que fôsse.

Ricardo - Pense bem que isto é um egoísmo da sua parte e que eles estariam muito melhor lá conosco, onde nada lhes faltaria. Temos amparo e auxílio do Governo. Temos médicos e professores. Temos tudo que a senhora não lhes pôde dar.

Sandra - Sim, bem sei, mas... tenho planos de conseguir tudo isto para eles.

Ricardo - Será muito difícil, não se iluda. Se a manutenção dessas crianças já lhe custa tantos sacrifícios, pense bem no que será a educação e a formação do caráter de todos eles.

Sandra - Tenho pensado muito em tudo isto, creia, Sei que a tarefa será cada vez mais pesada, à medida que os pequenos se forem desenvolvendo mas com tudo isto confio muito na misericórdia divina e insisto em que permaneçam a meu lado.

Ricardo - É pena. Qualquer outra criatura nas suas condições aceitaria de braços abertos o meu oferecimento. Em todo o caso, em qualquer tempo que desejar, o Orfanotrófio do Deus Menino estará com as suas portas abertas para receber esses inocentes.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Ricardo - Desculpe, Madame Gilberte, se venho importuná-la em hora tão matinal.

Gilberte - Ora essa, Padre Ricardo, desculpá-lo porque? De quem? O senhor muito bem sabe que recebo sempre com grande prazer a sua visita. Deseja alguma coisa para os seus órfãos?

Ricardo - Não, Madame, desta vez o motivo da minha visita é diferente.

Gilberte - Fale, então. Se puder servi-lo em alguma coisa eu me sentirei satisfeita.

Ricardo - É o seguinte: há um ano atrás fui informado de uma moça que mantinha em seu poder vários órfãos da guerra. Fui procurá-la e tentei levar comigo as creancinhas para o nosso Orfanotrófio. Ela se negou a entregá-los. Fiz agora nova tentativa e o resultado foi novamente negativo. Essas crianças, no entanto, vivem mal alimentadas porque essa moça não tem recursos próprios e consegue mantê-los percorrendo o comércio e as casas de família, angariando donativos.

Gilberte - Eu me parece que ela já esteve aqui uma vez pedindo um auxílio para os seus órfãos.

Ricardo - A Madame deve compreender que lá em casa eles estariam muito melhor cuidados. Teriam medico, professores e uma alimentação mais adequada ao seu desenvolvimento.

Gilberte - Sem dúvida. Nem se discute.

Ricardo - Pois bem, diante da teimosia dessa moça de conservar em seu poder esses pequenos, eu me lembrei que talvez fôsse possível fazer com que o Governador obrigasse-a a entregá-los aos meus cuidados. E era isto, precisamente, que eu vinha solicitar do seu prestígio junto ao Governador. Se Madame quizesse encarregar-se de procurá-lo e expor-lhe o caso eu não teria nenhuma dúvida de alcançar o meu objetivo e seriam então mais vinte e quatro crianças que ficariam a dever-lhe uma grande caridade.

Gilberte - Vinte e quatro? Essa moça consegue manter vinte e quatro crianças em seu poder?

Ricardo - É verdade. E segundo me informaram eles eram vinte e nove mas nos dois anos que passaram, desde que a guerra terminou, cinco desapareceram vitimados pela tuberculose. Isto, sem dúvida, já em consequência da alimentação deficiente e da falta de recursos médicos.

Gilberte - Está muito bem, padre Ricardo. Eu irei ver com os meus próprios olhos essas pobres crianças e prometo-lhe que tomarei, depois, qualquer uma providência.

Ricardo - Muito obrigado, Madame Gilberte. É mais um favor que lhe ficarei a dever e mais uma graça que alcançará do céu.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Sandra - Às suas ordens, minha senhora.

Gilberte - Fui informada de que a senhora tem vários órfãos a seu cuidado, não é verdade?

Sandra - Sim. Vinte e quatro vítimas inocentes de uma guerra que durou cinco longos anos.

Gilberte - E disseram-me também que a senhora luta com grandes dificuldades para mantê-los?

Sandra - Também é verdade, mas felizmente existe ainda muita gente boa neste mundo de Cristo e os auxílios que recebo, de um lado e de outro, permitem sempre com que tenha o que lhes dar para comer e vestir.

Gilberte - Pois bem, eu estou aqui com a intenção de ajudá-la.

Sandra - Oh, minha senhora! Nem poderá imaginar a alegria que se seu gesto me causa. Necessito agora, mais do que nunca, de muito auxílio das almas caridosas. Estou cuidando, justamente, de organizar um serviço médico e escolar para os meus pobrezinhos.

Gilberte - Pois justamente é este o motivo que me traz aqui. Eles poderiam ter tudo isto no Orfanotrófio do Deus Menino.

Sandra - Não. Já disse muitas vezes ao Padre Ricardo que não desejo separar-me deles mas verifico que ele ainda não se dissuadiu dessa ideia. Como não pode convencer-me mandou-me a senhora. Já disse que não e não. Ninguém me convencerá de entregá-los.

Gilberte - Ouça, menina: se concordasse em acompanhar-me numa visita ao Orfanotrófio, acabaria convencida de que os seus pequenos estariam lá muito melhor do que aqui.

~~Gilberte~~ - Não, já disse. E se é esse o auxílio que pretendia trazer-me, desisto dele e agradeço-o.
Sandra

- Gilberte - Sabe que eu poderei obrigá-la a entregar essas crianças?
- Sandra - Obrigar-me, disse a senhora? Duvido.
- Gilberte - Pois então verá. Hoje mesmo vou falar ao Governador sobre eles e dentro de cinco dias, no máximo, eles já não estarão mais aqui.
- Sandra - Não. Não faça isto, suplico-lhe! Que interesse tem a senhora em apartar-me deles?
- Gilberte - O interesse de que eles possam ter uma vida melhor, mais de acordo com as suas necessidades.
- Sandra - (chorando) Não. A senhora não fará isto. E se fizer não ha de o conseguir. Nem que eu tenha que me rojar aos pés do Governador para que deixe comigo esses meninos. Eu morreria se os perdesse. Não! Não faça isto pelo amor de Deus! Se é casada e tem filhos, pelo amor de seus filhos eu lhe suplico que não me separe destas crianças. Eu os amo muito. Muitíssimo! Eles constituem toda a razão de ser da minha vida!...
- Gilberte - Vamos, não se desespere. Eu não vim aqui com a intenção de lhe fazer mal. Quero ajudá-la, já disse.
- Sandra - Roubando o sol que ilumina a minha vida? Que farei depois sem eles? Não tenho mais ninguém na vida! Ninguém!... (chora)
- Gilberte - Pois bem, eu não lhe roubarei os seus pequenos. ~~Mandarei construir uma casa para os seus pequenos. Não quero que fique só. Eu sei bem o que isto é e quanto dóe na alma da gente!...~~ Não quero que fique só. Eu sei bem o que isto é e quanto dóe na alma da gente!... Fui casada, perdi meu marido e fiquei com uma filhinha. Era toda a minha alegria, toda a luz da minha vida, todo o consolo da minha solidão. Um dia ela morreu também. O que eu sofri, meu Deus!, nem gosto de recordar!... Com a fortuna imensa que me ficou comecei a fazer algo de útil na vida, empregando-a em obras de beneficencia á velhice e á infancia desamparada. Mandarei construir uma casa para os seus pequenos. Eles terão tudo que necessitam. Medico, professores, capelão... tudo enfim, e ficará com a senhora a tarefa de dirigir essa casa.
- Sandra - (comovida) Obrigada, minha senhora! Mil vezes obrigada!... Obrigada, meu Deus!... Como tu és bom!...

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

- Bebeto - Da aqui essa caixa.
- Nininho - Não dou. Ela não é tua.
- Bebeto - Da aqui essa caixa, anda, sinão vai tê pra ti.
- Nininho - Não dou. Essa caixa foi mãe Sanda que me deu.
- Bebeto - Ah tu não qué me dá?
- Nininho - (gritando) Não! Não! Tá rasgando a caixa. Não!... (anunciada rasgar por ~~ruído~~ Solta, Bebeto. Mãe Sanda, olha aqui o Bebeto. (chorando) Bôbo, rasgou a minha caixa. (chora)
- Estúdio: - Ruído de rasgar uma caixa de papéis.
- Bebeto - Bôbo, é? (ruído de tapas) Toma, pra tu não me chamá de bôbo.
- Nininho - (chorando e gritando) Mãe sanda! Mãe sanda, olha o bebeto, mãe sanda! (Passos rápidos que se aproximam)
- Sandra - (aproximando-se e falando) O que é isto aí? Estão brigando outra vez?
- Nininho - (chorando) Foi o Bebeto, mãe Sanda. Rasgou a minha caixa e me deu uma porção de tapas.
- Bebeto - Ele não quiz me dá a caixa e ainda me chamou de bôbo.

- Sandra - Vamos, Nininho, a mãe Sandra não quer que você chore. Eu lhe darei depois uma outra caixa. (cessa o choro de Nininho) E você Bebeto, quantas vezes a mãe Sandra já lhe disse que não quer que você brigue com os outros?
- Bebeto (furioso) Ele não quiz me dá a caixa.
- Sandra Não fale assim. Fale com modos. Fica muito feio num menino como você essa maneira brusca de falar.
- Bebeto - Eu falo como quizê e ninguem tem nada com isso.
- Sandra - Bebeto, porque você faz assim? Mãe Sandra está falando com você delicadamente. Você é mais velho que Nininho, não deve bater nele nem dar-lhe maus exemplos. Você quer uma caixa? A mãe Sandra arranja para você tambem.
- Bebeto - Não preciso. Não quero caixa nenhuma.
- Sandra - Meu filho porque insiste em ser mau?
- Bebeto - Que filho nem filho. Eu não sou seu filho. Se a minha mãe existisse eu não tava prezo aqui nessa porcaria. Tava livre como os outros guris, correndo e brincando na rua.
- Sandra - Mas você pôde correr e brincar no pátio, Bebeto. De que uma se queixa? E muito em breve vocês terão, se Deus quiser, um grande jardim com balanços, trapézios e muitos jogos para brincar.
- Bebeto - Isso a senhora diz ha muito tempo mais até hoje nécas. Vã enganã os trouxas que eu não sô trouxa. Prefiria que a senhora me largasse e me dexas se fizê o que eu tenho vontade.
- Sandra - Tem paciencia, espera mais algum tempo que eu te darei liberdade, meu filho.
- Bebeto - Meu filho, não. Eu já disse que eu não sou seu filho.
- Nininho - Eu sou, mãe Sandra. Eu quero ser seu filho, sim?
- Sandra - Todos, Nininho. Todos aqui são meus filhos pelo coração.
- Bebeto - Menos eu. A minha mãe deve ter morrido e se não morreu é uma desgraçada porque me abandonou neste inferno.
- Sandra - Bebeto, chega de malcriações. Vã lá para o pátio que eu não quero, pela primeira vez, perder a paciencia com você.
- Bebeto - Vou pro pátio, sim, não precisa mandã, não, já tô cansado de ovi beste ras e fingimento. (Passos que se afastam)
- Sandra - (após uma pausa) Oh meu Deus, como esse menino me faz sofrer e como me preocupa o seu futuro!...
- Nininho - Eu não te faço sofrer, não é mãe Sanda?
- Sandra - Não meu querido. Tu és um amor!... Quem me dera que todos fossem como tu!...
- Nininho - Eu gosto tanto de ti, mãe Sanda!... Eu acho que se eu tivesse a minha mãe de verdade eu queria mais a ti do que a ela.
- Sandra - Se tu tivesses a tua mãe de verdade não estarias comigo e talvez nem me conhecesses, meu querido. Vai tambem para o pátio, meu bem, vai. Vocês devem apanhar sol, está um lindo dia e eu preciso ficar só alguns momentos para escrever umas cartas. (beijo) Vai. (Passos que se afastam)
"Se eu tivesse a minha mãe não estaria neste inferno!" Será que os outros tambem pensam assim? E eu faço tudo o que posso para dar-lhes uma vida melhor!... (Passos que se aproximam)

Benedita - O Bebeto tá fazendo o diabo lá no pátio, dona Sandra. Tá dando nos otro jogando pedra no quintã dos visinho, tomando os brinquedo... uai, dona Sandra, o que é isso? A sinhora tá chorando?

Sandra - (com voz de choro) O Bebeto já fez aqui uma porção de coisas para me aborrecer, Benedita. Terminou dizendo-me com ódio, no olhar e na voz, que se sua mãe existisse que ele não estaria aguentando este inferno.

Benedita - Puis é, todo o dia a preta Binidita tá dizendo pra sinhora pra dexã esse diabo i simhora, a sinhora num quê. Quando ele fôge inda manda os sordado percurã ele e trazê de novo otra veiz. Isso é marvado. Isso é o tinhoso que anda sorte no coipo desse minino. Lalãga ele, dona Sandra. Dexa ele i simhora.

Sandra - Não posso, Benedita. Não está em mim. Queres que te diga mais? Ele é, de todos, o que me causa mais pena. Quando ouço a sua voz altaneira e sinto o seu temperamento revoltado, logo penso nos trabalhos e sofrimentos que lhe estarão reservados no futuro.

Benedita - Mais se acha que aqui tá ruim dexe ele i pra donde ele achã que teje mais vilhor.

Sandra - Ninguem o compreenderã e em qualquer parte ele sofrerã mais do que aqui. É esta a razão porque não o deixo partir. E depois... quem sabe?... Quem sabe se não será ele?

Benedita - Num será ele o que, dona Sandra?

Sandra - (atrapalhada) Não, nada, Benedita. Nada... Eu fiquei tão tonta com o que se passou aqui que nem sei o que estou dizendo. Volta para o pátio. Não convem deixã-los sós por muito tempo.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Gilberte - Até que enfim chegou o dia tão desejado, não, dona Sandra?

Sandra - É verdade, Madame Gilberte. Chegou o dia da concretização do meu sonho, graças à sua infinita bondade.

Gilberte - ~~Permita que lhe apresente o Dr. Michael~~ ^{Aqui está o Padre Marcel} que será ~~o medico~~ ^{o assist. esp.} desta casa.

Sandra - ~~Pois não. Muito prazer, doutor.~~ ^{Como vai o seu hon?}

Marcel - ~~O prazer é todo meu, em conhecê-la, senhorita. Madame Gilberte tem me falado muitas vezes no seu generoso coração.~~ ^{Felix por ter sido o culpado desta violência de uma filha}

Gilberte - ~~Perdã, meu padre, o Sr. não foi profervamente~~ ^{Culpado. Foi o meu}

Sandra - ~~Madame Gilberte é de uma bondade sem limites.~~ ^{ciador, digamos, mas}

Gilberte - ~~Seu justo. Digo aquilo que é.~~ ^{o culpado mesmo foi}

Michael - ~~Aqui está o pro. (1) Que direr, D. Sandra, que,~~ ^{D. Sandra que me}

Sandra - ~~O senhor, terá muito que fazer, doutor. Eles estão todos muito~~ ^{ignocentes de religião} ^{acionou de tal forma} ^{o seu paixe pela}

Michael - ~~Sim, sim, compreendo perfeitamente. Só não compreendo como pode fazer tanto com tão poucos recursos.~~ ^{Fay me sobrava tempo no ar de que pare} ^{culpar-cho}

Sandra - ~~Fiz o que era possivel. Agora tudo vai correr melhor, graças a Deus.~~

Michael - ~~Sem dúvida,~~ ^{Vamos ter um médico, também, uma enfermeira e um nutrio} ^{alimentação que em dois} ^{ou trez mezes vai nos trazer resultados muito satisfatorios. (Passes} ^{que se aproximem)}

Gilberte - ~~Vem chegando o Padre Ricardo. P, ntual como um inglez. São trez horas precisamente.~~

Ricardo - ~~Deus esteja nesta casa e no coração dos meus bons amigos.~~

X X X que eu que fiz o lin e comencei. e a corte
ganhar qual do chi cubra, atabei me a seguir
de a e la e a continuação do caso

Gilberte - *Esperando* - Que assim seja, Padre Ricardo. *Como é? Vamos iniciar a ce-*
lunônia de pensão ao orfanato?
 Ricardo - Boa tarde. *(Michael e Sandra respondem)* Cheguei justamente na hora mar-
 cada, não é verdade?

Gilberte - Sim, foi bem pontual. O Padre Ricardo veio dar a benção a esta casa.

Madame - Sim, sim. Muito bem, muito bem. *Quando quiserem.*

Sandra - Vamos então passar para o salão que os convidados estão todos lá.

Controle: _____ *(CORTINA MUSICAL)*

Blanche - *(de longe)* Dá licença, dona Sandra? *(Altera a cue)*
Benedicta - *(para longe)* Entra *Benedicta*. *(Passos que se aproximam)* *Que ho?*

Blanche - Desculpe importuná-la mais uma vez com as minhas queixas mas eu não posso mais com o Bebeto, dona Sandra. A senhora tenha paciência mas não é mais possível aturá-lo.

Sandra - O que fez ele desta vez, *Madame?* *Benedicta?*

Blanche - Ora o que fez ele! Além da grande anarquia que faz sempre nas minhas aulas, encontrei, entre as páginas de seu livro, estas figuras improprias. Repreendi-o energicamente, como tinha que ser e ele ainda es carneceu de mim diante de todos.

Sandra - Mandá-lo ao meu gabinete, Madame, que eu o observarei.

Blanche - Desculpe, dona Sandra, mas as suas observações de nada lhe teem adean tado. É como se a senhora nada lhe dissesse. Ele continua a fazer o que tem vontade e a minha paciência exgotou-se. Se a senhora não tomar sérias providências eu me verei na contingência de dirigir-me à Congre gaç ão desta casa solicitando qualquer medida que ponha fim a este abu so.

Sandra - Madame Blanche, tenha pena do pobre infeliz, peço-lhe. Se ele for ex pulso desta casa quem o quererá receber? Ficará rolando por aí e quem sabe onde terminará.

Blanche - Mais paciência do que tenho tido é impossível! Ele não me respeita e eu não posso ser desmoralizada. Repito-lhe que exijo providências se veras ou então me dirigirei à Congregação.

Sandra - Está bem, Madame. Faça-o vir à minha presença.

Blanche - Com licença. *(Passos que se afastam)*

Sandra - Não sei mais o que fazer com Bebeto. Não ha um só em que não me chegue uma queixa dos colegas ou dos professores. Ha dias que me vejo tão desesperada que me parece melhor deixar-lhe seguir livremente o seu destino. Que ventre maldito o terá gerado, meu Deus!... Nem a se veridade nem os bons conselhos produzem qualquer efeito no seu espí ri to. Com tudo, vou fazer ainda uma tentativa. *(Passos que se aproximam)*

Bebeto - O que é?

Sandra - Isso não é geito de você se dirigir a ninguem, Bebeto. Tenha modos.

Bebeto - Já vai começã otra vez com as suas basôfia? Diga logo o que qué.

Sandra - Bebeto, Madame Blanche veio queixar-se de você outra vez. Porque não se comporta direitinho?

Bebeto - Eu já disse que o meu geito é esse e ninguem me obriga a sê diferente. Se não tão contente me mandem embora.

Sandra - Isto é o que você ha muito deseja mas antes dos quinze anos você não poderá abandonar esta casa.

Bebeto - Pois então me aguentem como eu sou. Tchau. (Passos que se afastam)

Sandra - (após uma pausa) Meu Deus, meu Deus!... Tem piedade desta pobre criança! Amaldiçoe o coração para que eu não sofra tanto e para que ele seja me nos desgraçado!...

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Ricardo - Sei que a incomodo com as minhas queixas, dona Sandra, mas tambem não posso continuar tolerando as coisas horriveis que aquele menino faz e diz nas aulas de catecismo. Vou ser obrigado a proibir-lhe a entrada na capela.

Sandra - É realmente uma lâstima mas uma vez que não ha outra solução Bebeto não assistirá mais as aulas de catecismo.

Ricardo - Hoje surpendi-o a distribuir cigarros entre os meninos.

Sandra - Não é a primeira vez, infelizmente. Não sei mais o que fazer com ele, Padre Ricardo.

Ricardo - O verdadeiro seria expulsá-lo. É um mau exemplo para os outros.

Sandra - Não, Padre Ricardo, expulsá-lo não. O que faria esse menino, com treze anos apenas, sem ter para onde ir? Esperemos com paciencia mais dois anos, até que ele atinja a idade de ser desligado. Pôde ser que durante esse tempo se realize o milagre que tanto tenho pedido a Deus!

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Benedita- O malvado despejô toda a garrafa de vinagro dentro da panela da sopa. O que é que eu vô fazê agora, me digue só, pulo amô de Deus!

Sandra - Fazer outra panelada de sopa. Eles comerão mais tarde, paciencia.

Benedita- Eu num divia de fazê. Divia de dexá ele sem cumê que era pra ele aprendê.

Sandra - Pois é, Benedita, mas os outros não teem culpa. Vai, vai preparar nova sopa e eles comerão mais tarde hoje. Paciencia.

Benedita- (saindo e resmungando) Ah, paciencia, paciencia. Mais do que a gente já tem com esses diabo! (Passos que se afastam)

Sandra - Todos os dias a mesma coisa! Todos os dias uma nova queixa! Eu fico louca com este menino. Se fôsem apenas artes de criança eu não me incomodaria mas o que me deixa triste é que ele pratica sempre verdadeiras perversidades. As vezes sinto impetos de deixá-lo seguir seu destino, mas na mesma hora penso que talvez seja ele...

Nininho - (de longe) Dá licença, maezinha?

Sandra - Entra meu querido. (Passos que se aproximam) O que queres tu?

Nininho - Nada, maezinha. Eu estava com saudades da senhora e vim vê-la.

Sandra - Tu és um encanto, meu filho!...

Nininho - A senhora está tão triste! Porque, mãe Sandra?

Sandra - Não estou triste, meu querido. Estou cansada. Tenho trabalhado muito.

Nininho - Quando eu ficar grande eu vou trabalhar, vou ganhar bastante dinheiro e a mãe Sandra vai morar comigo e não vai fazer nada, nada. Vai só passear.

Sandra - Tu és um verdadeiro encanto, meu filho! És o consolo das minhas atribulações. Queira Deus que a vida não nos separe nunca!

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Sandra - Peça a todos que façam o maior silencio que o Rudy está com muita febre e qualquer ruido pôde ser prejudicial.

Benedita - Sim senhora.

Sandra - Ouve, Benedita, talvez seja melhor dar-lhes o almoço lá fóra, no pavilhão da ginástica. Lá eles poderão fazer a algazarra que quiserem que o ruido não chegará até cá.

Benedita - Sim senhora.

Sandra - Espera um pouco, até que o doutor Michael saia do quarto, para ver se é necessário fazer alguma coisa. Tenho a impressão de que ele está piôr.

Benedita - Óia aqui, dona Sandra, eu sô nega e sô burra mais eu nunca vi si inrolá pano molado de agua fria no colpo dum vivento que tã aldendo em febre. Isso pôde até fazê a pontada da pulmonia.

Sandra - Os métodos quais de medicina são diferentes, Benedita. Você não pôde compreender. (Passos que se aproximam) Ai vem o doutor. Continua subindo a febre, doutor?

Michael - É, sim. Infelizmente! Confesso-lhe que não sei mais o que fazer.

Sandra - Óra, doutor, não me diga! Minha esperança estava toda no senhor.

Michael - Sei que é doloroso dizer-lhe mas eu já não tenho esperanças. Creio que ele terá apenas mais algumas horas de vida!...

Sandra - (aos soluços) Doutor... doutor... o senhor não pôde me deixar morrer essa criança, doutor!... (desesperada, chorando muito) Salve-o, por favor, doutor!... Salve-o, eu lhe suplico.

Michael - Óra essa, dona Sandra o que é isto? Ajoelhar-se a meus pés porque? Vamos, levante-se. Bem sabe que tenho feito todo o possível. Entre a força de um destino e a vontade de um médico a luta é muito desigual. Dou-lhe in teira liberdade de chamar outro médico, si desejar.

Sandra - Não, doutor, perdôe-me. Eu sei que o senhor tem feito tudo. Tem sido de dicadissimo. Não leve em conta o que eu lhe disse. Eu estou nervosa.

Michael - Nervosa e cansada. Tem passado várias noites a velar à cabeceira dessa creança. Tem feito o que só mesmo uma mãe de verdade teria forças para fazer. ~~Você~~ Precisa descansar um pouco. Vá deitar-se e dormir algumas horas.

Sandra - Não, doutor, não quero. Eu volto para junto dele. Quero estar a seu lado até o fim. Quem sabe se não será ele?

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Michael - Onde está dona Sandra? Necessito falar-lhe.

Benedita - Inda não vortô do interro, seu dotô.

Michael - Ela não devia ter ido ao cemitério. Está muito enfraquecida e essas como ções violentas deixam-na extenuada.

Benedita - Dona Sandra é mumto inzagerada com essas criança. Nem que fôsse mãe de veldade de todos ele.

Michael - Ela precisa fazer um tratamento grande para os nervos. Ficou profundamen te abalada com a morte desse menino.

Benedita - E eles nem qué ela tanto anssim, dotô. O tar de Bebeto antão tem um ódio dela que às veiz eu tenho medo de dexá ela sózinha cum ele. ~~mmmmmm~~ O nininho é que qué bem ela.

Estúdio: porta que bate, ao longe.

Michael - Ai vem ela, Benedita. Deixa-nos a sós que preciso dar-lhe uns conselhos.

Benedita - Tá munto bem, seu dotô, a nega véia vai lá pra dentro. (Passos que se afastam)

Michael. (meia voz) Ha um mistério qualquer na vida dessa moça que eu preciso desvendar. (Passos que se aproximam)

Sandra - Oh doutor...

Michael - Estou aqui á sua espera.

Sandra - Desejava falar-me?

Michael - Desejava muitissimo conversar com a senhora. Sei que está cansada e abata tida ma é necessário que me ouça. Sente-se. (Pausa) Quero dizer-lhe, como médico e como amigo, que o seu estado de saúde não permite que a senhora continue a dedicar-se dessa forma aos seus órfãos. A senhora póde rá queree dar-lhes carinho sem amá-los como os ama.

Sandra - Não p^ossu, doutor, não p^ossu.

Michael - Sandra... - permita que a trate assim - eu sou seu amigo e um grande admirador do seu extraordinário coração. Encontro em você, no carinho que dedica às crianças desta casa, sutilezas que só mesmo um coração de mãe seria capaz de abrigar. Advinho em você uma tragédia que a faz sofrer, Sandra. Várias frases suas, inacabadas, tem confirmado as minhas suspeitas. Sou um velho que viveu muito, amou muito e sofreu demais. Estou portanto, capacitado a compreender e aconselhar uma criatura menos experiente. O que se passa com você? Porque não me abre a sua alma? Porque não me revela o seu segredo?

Sandra - Sim, doutor. Quero contar-lhe tudo. Eu preciso sair dessa agonia em que vivo há tantos anos.

Michael - Vamos, fale, então. Estamos sós.

Sandra - Eu havia chegado á França, com destino á Polonia, afim de visitar o meu Avô paterno, quando a guerra me surpreendeu. Estava justamente em Marselha, á espera de uma oportunidade para poder regressar á minha patria, quando encontrei Wladimir. Lembro-me ainda perfeitamente das primeiras palavras que trocamos...

Controle: → (FRASE MUSICAL)

Wladimir- O que faz aqui, menina?

Sandra - Procuro um hotel que me indicaram. Não sou daqui... não conheço ninguém.

Wladimir- Talvez eu possa servi-la em alguma coisa. Qual o H que procura?

Sandra - La Cigale. Conhece-o?

Wladimir- Sim, conheço-o. É na rua do Porto. Quer que a acompanhe até lá?

Sandra - Se não fôr incomodo...

Controle: → (Frases musical)

Sandra - Wladimir era filho de pai russo e mãe poloneza. Estava como oficial de um batalhão de patriotas que embarcaria em breve para lutar na Polonia. Foi amabilissimo comigo. Acompanhou-me ao Hotel La Cigale e quando inteirada do preço das diárias verifiquei que não podia permanecer lá, pront ficou-se a acompanhar-me a uma familiar pensão familiar cuja dona ele conhecia. Seu batalhão ficaria ainda uns dias em Marselha e passamos en tã a nos encontrar todas as tardes.

Controle: → (Frases musical)

Wladimir - Estou contentíssimo hoje!... Tive uma notícia que me alegrou muito.

Sandra - Que bom! Não sei o que é mas desde que lhe tenha trazido alegria...

Waldimir - Ficaremos mais uma semana em Marselha até embarcar.

Sandra - Agora estou contente também por mim. É mais uma semana que terei a sua companhia, Wladimir e isto para quem está longe da sua Pátria e completamente só, tem uma significação toda especial.

Wladimir - O que observo de extraordinário em tudo isto, Sandra, é que essa notícia, antes de conhecê-la teria sido motivo de um pesar muito grande para mim. Estava aflitíssimo para partir e lutar. Agora, ao contrário, sinto prazer em saber que poderei estar mais alguns dias a seu lado. Talvez seja porque tenho a certeza de que morrerei em combate.

Sandra - Não, Wladimir. Não fale assim que me entristece. Eu quero que você volte.

Wladimir - Voltar para quê? Não tenho ninguém que me espere.

Sandra - Eu esperarei por você, Wladimir.

Controle: → (frase musical)

Marguerite - Deseja falar comigo, capitão Wladimir?

Wladimir - Sim, Madame ~~Mme~~ Marguerite. Pode dispensar-me alguns momentos de atenção?

Marguerite - Pois não, Capitão. Às suas ordens.

Wladimir - Madame, eu vou embarcar amanhã, e queria recomendar-lhe Mademoiselle Sandra. Ela está só aqui, sem parentes e sem amigos. Sua situação financeira é também bastante aflitiva. Eu me interesso muito por ela, compreende?

Marguerite - Sim, compreendo perfeitamente, capitão.

Wladimir - Eu queria deixar-lhe todo o dinheiro que tenho em pagamento do tempo que ela fôr obrigada a ficar por aqui e a minha palavra de honra de que na minha volta lhe pagarei tudo que possa ter excedido em despeza.

Marguerite - Ora, Capitão, nada disto. Não posso aceitar o seu dinheiro. Apesar da época difícil que atravessamos não podemos deixar de lado o espírito de humanidade e de solidariedade. Sua amiguinha ficará aqui comigo o tempo que fôr necessário. Na sua volta o senhor me pagará.

Controle: → (Frase musical)

Sandra - (chorosa) Eu queria levar-te à estação.

Wladimir - Não, minha querida. Há muita gente, muita balburdia... é melhor nos despedirmos aqui mesmo.

Sandra - (chorosa) Tu voltarás, não é verdade?

Wladimir - Sim. Agora mais do que nunca affianço-te que voltarei. Legalizarei a nossa situação e tu serás a minha esposa também diante dos homens. (Pausa) Adeus, querida. (beijo, Pausa) Porque tremes assim? Tanto que eu te pedi que me encorajasses neste momento.

Sandra - É de frio que eu tremo Wladimir.

Wladimir - Prometeste-me que me dirias adeus sorrindo.

Sandra - E eu estou sorrindo, então não vêes? ~~(sorrindo)~~

Controle: Toque de clarim ao longe.

Wladimir - Sim, agora sim. (beijo. Pausa) Devo partir. Quero que fiques sorrindo. Quero levar comigo, gravada na retina dos meus olhos tua imagem sorridente. E quero que fique contigo a certeza de que eu voltarei.

Sandra - Sim, Wladimir. Eu estou sorrindo, vês? Sorrindo, sim. Mas sai depressa por favor. (Passos que se afastam) Depressa, Wladimir, depressa. Eu estou sorrindo mas sai depressa. (Pausa) Wladimir!... Wladimir!... Wladimir!... (Pranto convulso)

Controle: → (Frases musical)

Marguerite - Porque não sai um pouco, Sandra? Vá apanhar um pouco de sol. O dia está tão lindo!...

Sandra - Não sinto vontade para nada, Madame Marguerite.

Marguerite - Mas você precisa reagir. Não pôde ficar assim nessa inércia. Isso é prejudicial a você. Saia um pouco, movimente-se e verá como ha de sentir uma grande melhora de ânimo.

Sandra - Quâsi cinco mezes e nem uma carta, ao menos! Si eu tivesse a certeza de que ele não me ludibriou e as cartas estão sendo extraviadas eu ficaria mais consolada.

Sandra - É extravio de cartas, sim. Porque havia de ludibriá-la? Não pense assim, Marguerite. Bastava olhar-se para ele para ter-se a certeza do quanto ele a adorava!...

Sandra - É horrível a minha situação, Madame. Si ele não voltar nunca mais te recomendo coragem de regressar à minha pátria e me apresentar na frente dos meus.

Marguerite - Ora essa, você exagera as coisas, Sandra. Porque motivo não poderia apresentar-se na frente dos seus? Bastava silenciar sobre o passado e não haveria mais nenhuma dificuldade para você.

Sandra - É que a senhora pensa. As dificuldades crescerão mais à medida que o tempo passe. Meu filho deverá nascer dentro de quatro mezes.

Marguerite - Seu filho?!... Então você... Dentro de quatro mezes, disse você Sandra?

Sandra - Sim. (Pausa) Estou completamente aturdida. Completamente tonta e sem saber o que devo fazer.

Marguerite - Ora, Sandra, porque me ocultou a verdade tanto tempo? Vamos começar a trabalhar o quanto antes no seu enxoval!... E não se entristeça por isto, minha amiga. Antes renda graças ao céu. Você verá como de agora em diante a vida vai ter muito mais encanto para você!...

Controle: → (FRASE MUSICAL) fundido
→ (Choro de criança, por alguns momentos)

Marguerite - Vamos, vamos, seu grãtio. Nada de barulhadas que a mamãe está com dor de cabeça. Cale essa boca, ande. (acalentando) Hum, hum, hum - hum, hum, hum - num, hum, hum, Pronto, pronto, pronto, cale a boca. (cessa o choro da criança) Ahn! Era um balancinho que tu querias mandrião. Vamos ver a mamazinha agora. Nada de chorar que ela ainda está com a cabeça tonta. (Passos) Você é homem e um homem não chora. (meia voz) Veja lá, não faça barulho para a mãezinha, hein? Como se sente, Sandra?

Sandra - (debil) Oh, Madame! É a senhora?

Marguerite - Sou eu, sim. Ou melhor: somos nós. Eu e seu filho. Vim trazê-lo um momentinho só para que você o conheça. Veja.

Sandra - (Pausa) Meu filho!... Ha de se chamar também Wladimir.

Controle: → (FRASE MUSICAL)

Marguerite - A noite de hoje vai ser horrível! E com o black-out nem fogo na lareira poderemos ter.

Sandra - Não me lembro de ter sentido tanto frio na minha vida. Nem mesmo a semana passada, no hospital, onde as cobertas eram muito poucas.

Marguerite - Além disto essa situação de incerteza em que vivemos vem aumentar ainda mais a nossa angústia.

Sandra - Nada se sabe sobre a verdade dos fatos. Dizem uns que o inimigo se aproxima cada vez mais, outros afirmam que ele foi rechassado...

Marguerite - O dia que esta guerra terminar vai me parecer um sonho!... X (~~Controle~~)
* Controle - Campanha noturna Tem gente aí. Pegue seu filho um momento que eu vou ver quem é. (Passos. A uma certa distancia) Suba! (Passos subindo escada)

Popular - (A uma certa distancia do microfone) Boa tarde, senhora.

Marguerite - (idem) Boa tarde. O que deseja o senhor?

Popular - Moro próximo à esquina e sou o encarregado dos serviços de salvamento no quarteirão. Venho transmitir-lhe um aviso.

Marguerite - Fale, senhor.

Popular - A cidade será invadida esta noite e quem desejar por-se a salvo das garras do inimigo não tem tempo a perder. Deve fugir imediatamente.

Marguerite - O que é que o senhor está me dizendo?

Popular - Deve fugir imediatamente se quer escapar às garras do inimigo. Tive ordem oficial de avisar a todo o quarteirão.

Marguerite - Mas e os nossos não farão nada para defender-nos?

Popular - Não posso dar-lhe detalhes. Nada mais sei. Preciso ir avisar aos outros. A senhora já está ciente. (Passos que se afastam. Pausa. Passos que se aproximam)

Marguerite - Sandra, acabo de receber uma noticia ruim...

Sandra - Eu ouvi tudo, Madame. Deveremos fugir se quisermos salvar-nos.

Marguerite - E agora? O que faremos, Sandra?

Sandra - Teme conta de meu filho um momento. Eu vou ao quartel da guarnição tomar informações seguras.

Margarita - É uma imprudencia, Sandra. Você ainda está muito fraca.

Sandra - Deus ha de me dar forças. Fique com meu filho que dentro de meia hora eu estarei de volta.

Controle:

* FRASE MUSICAL), fundido com aviões de bombardeio, a principio forte e depois fazendo fundo para todos os sons.
(Tudo isso é bombardeio durante toda a cena)

Sandra - Ao chegar no quartel da guarnição não encontrei mais ninguém. As tropas já o haviam abandonado. As ruas estavam apinhadas de gente com malas, trouxas e pacotes. Os veículos eram assaltados pelos fugitivos. Cada qual queria safar-se primeiro. Tive que fazer a pé o trajeto de volta até em casa. Em meio do caminho, o ruído de um número enorme de aviões começou a se fazer ouvir, a principio muito ao longe e depois cada vez mais e mais se acentuando, até que se tornou numa verdadeira algazarra ensurdecedora. Começaram a cair as primeiras bombas. Eu corria como louca e as explosões faziam com que me colasse à parede, contendo a respiração para me tornar melhor. Ao conseguir me aproximar de casa já nada mais encontrei do que fôra a pensão onde morara. Era tudo um monte de ruínas fumegantes. Pude apenas dizer "meu filho" e o meu corpo rodou sobre as minhas pernas.

Michael - Pobre creatura!... Imagino bem a angústia que terá sentido!...

Sandra - Vários dias fiquei desfalecida, entre a vida e a morte. Quando recuperei a razão estava num hospital de emergência. Mas eu não me convencia da morte de minha amiga e de meu filho. O coração me dizia que eles viviam ainda. Na ansia de saber alguma coisa deles, perguntando a um e a outro, fui informada que havia, num outro hospital ali perto, vários feridos da aquele mesmo quarteirão onde eu morava. Obtive licença e fui lá. Meu coração parou dentro do meu peito quando deparei com Marguerite gravemente ferida, estendida numa cama de ferro e lona.

Controle: → (FRASE MUSICAL)

Sandra - Madame! Madame! Não me reconhece? Sou a Sandra, Madame. A sua amiga, a sua protegida Sandra.

Marguerite - (voz muito fraca) Sandra? Sim... lembro-me de você... Não posso vê-la mas reconheço-lhe a voz. É Sandra sim...

Sandra - Madame, tenha pena de mim. Faça um pequeno esforço e veja se consegue lembrar-se onde ficou meu filho.

Marguerite - Seu filho?...

Sandra - Meu filho, sim. Lembra-se que o deixei com a senhora enquanto fui buscar informações no quartel da guarnição?

Marguerite - Lembro-me, sim. Começo a lembrar-me de tudo agora... estranho... como a sua voz, reavivou... repentinamente... a minha memória.

Sandra - Eale, por favor. Veja se consegue lembrar-se onde ficou meu filho.

Marguerite - Depois que voce saiu... logo depois... começaram a cair as bombas... Recolhi-me... com ele... ao abrigo mais proximo... mas um oficial... do destacamento... tirou-o dos meus braços... e botou-o num carro blindado... com outras crianças... e o carro se foi... não sei para onde... Foi, talvez... a sorte dele... momentos depois... uma bomba... atulhava o abrigo... e quasi todos morreram... Eu vivi... talvez para dar-lhe... esta noticia...

Controle: → (FRASE MUSICAL)

Sandra - Não chegou a terminar a frase. Apertou minha mão com uma força que eu já não lhe acreditara capaz de possuir e momentos depois estava morta. Sai como doida à procura do meu filho. A ideia de poder ainda encontrá-lo com vida dava-me novo alento. Perguntava a todos, a todos indagava das crianças do meu quarteirão que haviam saído com um oficial num carro blindado. Depois de uma exaustiva procura de dois dias, pude finalmente avistar-me com ele.

Controle: → (FRASE MUSICAL)

Sandra - Meu filho estava no abrigo de Champ Vert com a dona da casa onde eu morava. Fui informada de que o senhor levou-o, com outras crianças, num carro blindado.

Oficial - Não fui eu, minha senhora. Foi outro oficial mas poderei indicar-lhe para onde essas crianças foram conduzidas porque estive lá depois, levando-lhes uns cobertores.

Sandra - Diga-me, então, por favor. Eu preciso encontrá-lo.

Oficial - Foram todos abrigados em casa de um moleiro, nuns campos à leste da cidade. Não será fácil encontrar a casa mas se quiser poderei conduzi-la até lá.

Sandra - Eu lhe agradeceria de joelhos.

Oficial - Faz mais de um mez que eles foram levadas para lá... não sei si ainda estarão, em todo o caso podemos fazer uma tentativa.

Sandra - Sim, sim. Não percamos tempo, por favor. Vamos imediatamente.

Controle: → (FRASE MUSICAL)

Sandra - Naquela mesma tarde consegui chegar ao moinho onde as crianças haviam sido abrigadas a um mez atraz. Encontrei lá um monte de creanças famintas, feridas umas, doentes outras, todas enroladas em cobertores que o batalhão havia fornecido para agazalhá-los. Foi impossível identificar o meu filho. Eram passados quarenta dias e haviam várias meninos com o mesmo tempo de vida e os mesmos cabelos castanhos ralinhos, o traço mais característico que eu conseguira guardar do meu filho. Na impossibilidade de trazer comigo o que fôsse realmente o filho do meu amor, resolvi permanecer ao lado deles todos. Desnecessário é dizer que a mulher do moleiro recebeu-me de braços abertos. Ela estava exausta de atender sózinha a tantas creanças. E foi então que nunca mais quiz me separar dessas ~~criaturas~~ criaturas. Queria estar ao lado de meu filho e não podia ter certeza qual ele era. Desde então o meu suplicio é enorme. Em cada um encontro um traço ou um gesto que me parecem de Wladimir. E o meu suplicio torna-se cada vez mais cruciante à medida que o tempo passa e eles começam a se aproximar da idade em que deverão abandonar esta casa. Penso que um dia meu filho terá que sair também. Será o primeiro? O segundo? O terceiro? Oh que se ao menos eu pudesse ter uma certeza eu sairia também com ele!...

Michael - Sandra: você fez muito bem em contar-me a sua historia. Creio mesmo que foi a Providencia Divina que me impeliu para que insistisse em que você falasse. Eu poderei solucionar a sua grande dúvida, minha amiga.

Sandra - Dr. Michael! Isto é mesmo verdade?

Michael - Sim, minha amiga. Felizmente a medicina já conta com recursos capazes de solucionar uma questão desta ordem. Procederei a um exame de maturidade em todos os meninos desta casa e poderei ~~após~~ depois apontar-lhe um e dizer-lhe: "Este é o seu filho".

Estudio - (Sandra começa a dar umas gargalhadas nervosas que se transformam em soluços que afinal são abafados pela)

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Benedita - Tirô o sangue, dona Sandra?

Sandra - Tirei, Benedita. O Dr. Michael já está no laboratório procedendo ao exame. Afinal, depois de tantos anos, parece que o meu coração vai descansar. Qual é o teu palpite, Benedita? Qual deles te parece que será meu filho?

Benedita - Oriessa, dona Sandra, nem é pelciso priguntá. Seu ~~filho~~ é o Nininho. Ele é inguali á sinhora em tudo em tudo.

Sandra - Sim, Benedita. Eu também acredito que seja ele. É tal o seu carinho por mim e tanta a ternura com que me envolve que somente o mesmo sangue poderia gerar uma afinidade tão grande.

Benedita - E a sinhora tombem quê mais ele do que os otro. A gente vê.

Sandra - Sim, Benedita, também é verdade. A outra pessoa que não fosses tu eu não teria a coragem de dizer mas é verdade. Digo-te mais: si fôsse outro o meu filho e não ele eu creio que sentiria um choque horrivel.

Benedita - É ele sim, a sinhora vai vê.

Sandra - Deus te ouça, Benedita, Deus te ouça!

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Benedita - Tá procurando alguma coisa, seu dotô?

Michael - Sandra. Onde está ela? Preciso falar-lhe.

Benedita - A dona Sandra se deitou-se um mucado pra descansar depois do armoço, pegô no sono e eu fiquei com pena de acordá ela. Tá drumindo.

Michael - Deixa que durma e descanse. Quando acordar dar-lhe-ei o resultado dos exames.

Benedita - Discurpe, dotô, inda que mar prigunte: o fio dela é o Nininho, num é?

Michael - Não, Benedita. É o Beбето.

Benedita - Vilge da Misiricoldia!... Isso intê parece um castigo pra pobre da dona Sandra. Ele tem horrô na mãe dele, dotô, o sinhô é de crê?

Michael - Ele tem horror de todo o mundo. É um menino de maus instintos.

Benedita - Dotô: se a nega vêia merece alguma coisa do sinhô, vô le fazê um púido num dia nada pa pobresinha. Vai sê un infelno pre ela a vida depois.

Michael - Mas eu não poderei mentir-lhe, Benedita.

Benedita - Ela vai sofrê munto! Vai sê uma coisa munto horrivi! Ela tá celta que o Nininho é que é o fio dela e depois o sinhô vê o trabalho que ela vai passá co otro. Tenha pena dela, seu dotô, é a nega vêia que le pede (Passos que se aproximam)

Sandra - (aproximando-se e falando) Que horror, como pude dormir tanto tempo! Oh doutor, o senhor aqui a esta hora? O que há?

Michael - Vin trazer-lhe o resultado do ~~meu~~ exame de maternidade.

Sandra - Doutor... fale doutor...

Michael - Seu filho é...

Benedita - (atalhando, fingindo alegria) É o Nininho, dona Sandra!...

~~Michael~~ Sandra - O Nininho?! É mesmo verdade, doutor?!... Vamos responde. É o Nininho o meu filho, doutor?

Michael - É ele, sim.

Sandra - Oh meu Deus!... Oh meu Deus!... Como poderei agradecer-te uma graça tão grande?!... (Afastando-se a correr e gritando sempre) Nininho, meu filho!... Nininho, meu filho!... Nininho!... Nininho!...

Michael - (após uma pausa em que os gritos de Sandra se sumem na distancia) Perdôa-me Meus Deus!... Perdôa-me, meu Pai!... ~~Eu menti!~~ Eu pequei! mas a intenção foi boa!...

Controle: (CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIXANDO DEPOIS PARA FALAR O SPEAKER)

SPEAKER: - Acabaram de ouvir "A piedosa mentira", mais um notavel trabalho da autoria de Roberto Lis escrito especialmente para o grande teatro Difusora, que ~~é um oferta gentil dos Cluários Elétricos Amal~~ *está no ar novamente no próximo domingo, às duas horas de hoje.* ~~está no ar novamente no próximo domingo, às duas horas de hoje.~~ ~~está no ar novamente no próximo domingo, às duas horas de hoje.~~

Controle: (CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO PROGRAMA)